



FACEBOOK.COM: o (multi)letramento das gerações pós-modernas nas habilidades de leitura e escrita

Felipe ARAÚJO
Marcos PEREIRA
Maria Eduarda ROSSATO
Matheus MICHELIN
Orientadora Profa. Dra. Sheila Fernandes Pimenta e OLIVEIRA

Resumo: O interesse pelo desenvolvimento do assunto se deu pela observação dos pesquisadores, em relação ao uso das novas tecnologias, pelos adolescentes das gerações pós-modernas, nos diversos contextos sociais, seja em escolas, shoppings, restaurantes etc. Notou-se que o acesso a redes sociais, especialmente o Facebook, de certa forma, participa da constituição das identidades juvenis, por meio de interações realizadas em leituras e escritas. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é refletir sobre o (multi)letramento de jovens das gerações y e z, no tocante às habilidades de leitura e de escrita em redes sociais, mais especificadamente no Facebook. Para tanto, a investigação apresenta-se relatada em duas partes: inicialmente, é apresentada uma pesquisa bibliográfica e, em um segundo momento, é feita uma pesquisa de campo, por meio de pesquisa qualitativa, com observação direta, anotada em Diário de Campo. Na pesquisa bibliográfica, são feitas breves discussões sobre conceitos de leitura e de escrita e os principais processamentos cognitivos envolvidos na questão. Também como fundamentação bibliográfica, discutimos as polêmicas trazidas pelos temas letramento e multiletramento, que são relevantes para a contextualização de leituras e escritas, especialmente, no contexto contemporâneo que exige do indivíduo um conhecimento de mundo, relativamente aos tratos com o universo virtual. Ainda é discutida a constituição dos textos de hipermídia, uma vez que o objeto de estudo do trabalho é o Facebook. Por fim, na fundamentação teórica, discutimos as características dos jovens das gerações y e z, para verificar como eles se constituem nas habilidades de leitura e de escrita, atualmente. Em um segundo momento, realizamos uma pesquisa de campo, juntamente a quatro adolescentes, com faixa etária entre 15 e 21 anos, para verificar a relação destes com o Facebook. Durante dez minutos, os pesquisadores observaram cada um dos participantes no uso da referida rede social. Anotaram as observações em um Diário de Campo, para posterior análise. Como categorias analíticas, foram estabelecidas as habilidades de leitura e de escrita, referentes ao conhecimento prévio e conhecimento linguístico. Também foram observados os objetivos e as expectativas dos participantes da pesquisa em relação à navegação. Além disso, foram debatidas as relações dos sujeitos com as questões de letramento e multiletramento, ou seja, a interação dos usuários com o contexto virtual, por meio de textos de hipermídia. A fundamentação teórica foi constituída por Kleiman (2006), Marcuschi (2005), Rojo (2012), Bagno (2002), dentre outros. Dada a contemporaneidade do tema, ele se mostra relevante e polêmico, conforme apontam as considerações finais.

Palavras-chave: Leitura e escrita em novas tecnologias; letramento e multiletramento; gerações pós-modernas; Rede sociais e Facebook.

Abstract: The interest of the subject is given by the observation of the researchers, regarding the use of the new technologies used by adolescents of the postmodern

generations, in different social contexts, whether in schools, malls, restaurants etc. It was noted that the access to social networks, especially Facebook, participates in the formation of youth identities through interactions developed in reading and writing. The aim of this paper is to discuss the (multi) literacy of young generations Y and Z, the skills of reading and writing in social networks, more specifically on Facebook. Therefore, the research presents reported in two parts: first, we present a literature review, and a second stage, a search is performed in the field, through qualitative research, with direct observation, noted in Field Journal. In the literature, we made a brief discussion about concepts of reading and writing and the main cognitive processes involved in the issue. Also as reasoning literature, we discuss the controversies brought about literacy and (multi)literacy topics that are relevant to the context of reading and writing, especially in the contemporary context that requires an individual knowledge of the world, in relation to deal with the virtual universe. We discussed the creation of hypermedia texts, since the object of study of the work is the Facebook. Finally, we mention the characteristics of young generations Y and Z, to see how they are in the skills of reading and writing today. We conducted a field survey along the four teenagers, aged between 15 and 21 years, to verify their relationship with Facebook. For ten minutes the researchers observed each of the participants in the use of the social network noted the comments in a Field Diary, for a later analysis. As analytical categories were established skills in reading and writing, referring to prior knowledge and linguistic knowledge, we also observed the goals and expectations of the respondents. Additionally, we discussed the relations of the subject with the issues of literacy and (multi)literacy the users' interaction with the virtual context, through hypermedia texts. The theoretical foundation was established by Kleiman (2006), Marcuschi (2005), Rojo (2012), Bagno (2002), among others. Given the contemporary theme, it shows relevant and controversial point as the final considerations.

Keywords: Reading and writing in new technologies, literacy and (multi)literacy, postmodern generations, social network and Facebook.

Introdução

Como futuros docentes de língua materna, a preocupação fundamental dos pesquisadores, nos momentos de formação prática e didática, deu-se nas questões que tratam de leitura e de escrita. Como fazer as crianças e os adolescentes se interessarem pela leitura? Que tipos de livros têm chamado a atenção deles? A internet irá ultrapassar os livros impressos?

Nos momentos de estágio, desde o 5º semestre e nas atividades do PIBID – Programa de Iniciação à Docência – fomentado pela CAPES, nas escolas de educação básica, observou-se a excessiva atração dos estudantes pelas redes sociais.

Há necessidade de habilidades de leitura e de escrita, para acessar o Facebook, uma das mais recentes redes sociais? Há necessidade de um letramento no mundo virtual? Que geração é esta que lida com leitura e escrita dessa rede mundial quase o dia todo? Como é a leitura nessa rede? E a escrita? Como se fez e se faz o letramento? Enfim, quem é o público-alvo das nossas aulas, a partir de 2014?

Assim, o objetivo deste trabalho é refletir sobre o (multi)letramento de jovens das gerações y e z, no tocante às habilidades de leitura e de escrita em redes sociais, mais especificamente no Facebook.

A fundamentação teórica foi constituída por Kleiman (2006), que aborda as questões referentes ao letramento e à leitura, ainda o conhecimento prévio e linguístico necessário à compreensão dos textos. Marcuschi (2005) auxiliou no conceito de hipertextos e gêneros digitais; Rojo (2012) tratou dos preceitos de letramento e multiletramento. Outros teóricos que estudamos explicam conceitos, com os quais enriquecemos nosso trabalho: Bagno (2002) que trata sobre a língua materna e as múltiplas variáveis nela inseridas; Calliari (2012) e Mota (2012) discutem as concepções de geração, no nosso caso, as gerações Y e Z, dentre outros.

Como se pode observar, na sequência, compomos o trabalho em cinco capítulos, sendo quatro deles teóricos e o último elaborado a partir de uma pesquisa de campo.

No capítulo primeiro, apresentamos uma resenha sobre as concepções de leitura e de escrita, enfocando aspectos essenciais que subsidiam a construção de categorias analíticas no capítulo final.

No capítulo segundo, transitamos na polêmica das pesquisas que tratam sobre letramento e multiletramento. Neste último assunto, priorizamos a abordagem sobre a relevância de se inserir no mundo virtual e conhecer os diversos gêneros discursivos, dada a significância dos contextos linguísticos e culturais para a formação do leitor.

No capítulo terceiro, estudamos as características dos hipertextos, enfocando os *chats*, a web e os pontos essenciais para que um usuário da internet saiba acessar e comunicar-se com o mundo.

No capítulo quarto, apontamos preceitos sobre a constituição das gerações y e z, salientando as relações delas com as novas tecnologias e com as novas formas de constituição dos sujeitos pós-modernos.

No capítulo quinto, ponto-chave do nosso trabalho, apresentamos um Diário de Campo, em que anotamos a coleta de dados realizada juntamente a quatro adolescentes de faixa etária entre 15 e 21 anos e a relação destes com as redes sociais, mais especificamente, o nosso objeto de estudo, o *Facebook*. Foram definidas categorias de análise e estudados os dados sob a ótica das perspectivas teóricas anteriormente apresentadas.

Por fim, apresentamos respostas para alguns dos questionamentos realizados inicialmente.

1 Leitura e escrita: algumas reflexões sobre conceitos, leitores e produtores de textos

O objetivo deste capítulo é tratar de conceituações convergentes e divergentes sobre leitura e escrita, letramento e multiletramento, que sustentam, posteriormente, a análise do corpus da investigação.

Dizer que alguém é um leitor maduro, a maturidade que se é falada aqui não é aquela garantida constitucionalmente aos maiores de idade, é a maturidade de leitor, construída ao longo da intimidade com muitos textos. Leitor maduro é aquele para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida (LAJOLO, 1982, p. 53).

Saber a língua e analisá-la são duas coisas distintas. Sabê-la é dominar as habilidades do seu uso em situações de interação, entendendo e adequando possíveis enunciados em diversos contextos.

Analisá-la é dominar uma série de conceitos metalinguísticos e apresentar características estruturais de uso. Quando lemos qualquer texto ou livro, temos um encontro com um autor, através das palavras, mas isso não significa que somos leitores passivos, e sim agentes, em busca de significações.

1.1 Concepções de leitura

Neste item, abordamos uma discussão sobre leitura e, conseqüentemente, um fator que faz com que o indivíduo melhore a sua competência de leitor.

A leitura é essencial na vida cotidiana, mesmo fora do ambiente escolar e de trabalho. Os textos escritos subsidiam a fala, em quaisquer situações comunicativas: aeroportos e estações, lojas, bancos.

Tratando-se do processo neurofisiológico, a leitura é um processo de percepção, de identificação e memorização de signos, através dos olhos que apreendem uma quantidade de signos juntos, é bem comum pular e confundir certas palavras. Depois que o leitor consegue decifrar os signos, a próxima etapa é entender do que se trata e interpretar através de um saber mínimo que se precisa para dar continuidade à leitura:

Uma vai direto para as articulações da história, considera a extensão do texto, ignora os jogos de linguagem (se leio Júlio Verne, vou rápido: perco algo do discurso, e entretanto minha leitura não é atraída por nenhuma perda verdadeira – no sentido que essa palavra pode ter em espeleologia¹); a outra leitura não deixa passar nada; ela pesa, gruda ao texto, lê, se assim se pode dizer, com aplicação e ânimo, enxerga em cada ponto do texto o assíndeto que corta as linguagens – e não a história: não é extensão (lógica) que a cativa, o desfolhamento das verdades, mas o folhear do sentido (JOUVE, 2002, p. 19).

Muitos leitores buscam, em literaturas romanescas, afetividade, aquele tipo de leitura que faz o leitor sorrir, chorar, sentir pena ou simpatia perante a história. Esses sentimentos são possíveis de se ver diante de um livro bem elaborado, escrito por um autor convincente, que tem o poder de persuadir o leitor. Freud faz um breve comentário dessa vulnerabilidade afetiva a que o leitor está submetido:

Em relação ao que nos acontece na vida, comportamo-nos, todos, geralmente, com uma passividade igual e permanecemos submetidos à influência dos fatos. Mas somos dóceis ao apelo do poeta; pelo

¹ Espeleologia é a ciência que estuda as vertentes da sua formação, constituição, características físicas, formas de vida, e sua evolução ao longo do tempo.

estado no qual ele nos deixa, pelas expectativas que desperta em nós, ele pode desviar nossos sentimentos de um efeito para orientá-los em direção a outro (FREUD apud JOUVE, 2002, p. 20).

Prendemo-nos a um determinado personagem, pelo fato de que suas características psicológicas, atitudes, estão em compatibilidade com as do leitor e, assim, a leitura se torna prazerosa, rápida e fácil.

As atividades de leitura e de escrita, no ambiente de trabalho, foram ampliadas nos diversos gêneros que a mídia eletrônica e virtual comportam. A modificação de suportes, ou seja, computadores trocando o papel e o lápis, prolongou a ação de dados, de arquivos, de manipulações e de comunicações. O motivo pelas mudanças nos estudos de leitura não está entrelaçado somente à escola:

A capacidade de leitura é justamente uma das capacidades cognitivas que foram objetos de grande número de estudos há um século. Os progressos realizados na compreensão da capacidade de leitura foram particularmente importantes no último quartel deste século (Século XX) (MORAIS, 1996, p. 38).

Os estudos voltados para a leitura, sua capacidade cognitiva, a maneira como se processa, criaram forças com o passar do século XX, como vimos na citação anterior.

Há questões relacionadas à aprendizagem da leitura que estão associadas a problemas de deficiências cognitivas da própria criança:

A psicologia cognitiva é a ciência que procura descrever e explicar o conjunto das capacidades cognitivas (em outras palavras, as capacidades mentais de *tratamento da informação*) de que dispõem os animais e, em particular, os seres humanos. Para tanto, ela examina comportamentos, mas estes não constituem o objeto do estudo, tanto quanto as gotas de chuvas e os raios de sol não constituem o objeto da meteorologia (MORAIS, 1996, p. 37).

Na sociedade, mais especificamente, nos meios culturais, a leitura e a escrita são práticas naturais. Essas duas vertentes causam nas pessoas não apenas uma forma de interação, mas também há uma colaboração efetiva na cultura escrita. Hábitos de leitura e de escrita promovem mudanças pessoais e comunitárias.

Devemos nos atentar também que o uso destas funções varia, de acordo com o tempo, e depende do desenvolvimento da sociedade. A leitura e a escrita são processos que englobam diferentes processos e conhecimentos, ficando evidenciado que há participação de diferentes abordagens de aprendizagem e que são constituídas por duas formas: dimensão individual e dimensão social.

Trata-se de numerosos conjuntos de habilidades e conhecimentos linguísticos e psicológicos, variados e radicalmente diferentes entre si, com formas de uso também diferenciadas em relação a uma diversidade de materiais escritos (MORTATTI, 2004, p. 100).

O conhecimento prévio é algo que todo leitor ao longo da vida adquire. Seja o conhecimento linguístico, textual, do mundo, componentes que fazem com que o leitor consiga criar sentido ao texto. Em outras palavras, sem ele, não é possível a compreensão de qualquer texto.

Existem vários níveis de conhecimento prévio, mas trataremos inicialmente do linguístico, que abrange: vocabulário, regras da língua e o uso da língua. O conhecimento linguístico é indispensável no processamento do texto. Processar um texto é agrupar palavras em unidades maiores, dá-se o nome de segmentação. Esse é um tipo de conhecimento que o leitor deverá combinar o artigo que precede o nome e se este combina com o adjetivo, e assim sucessivamente. Esta identificação é necessária para que o processamento continue, até chegar a eventual compreensão. Consideremos o trecho a seguir:

No entanto, acredito que um dos muitos fatores envolvidos na dificuldade que um principiante encontra para chegar a ler fluentemente é que os textos que ele lê são muitas vezes difíceis demais para ele (KLEIMAN, 1980, p. 15).

O leitor deverá agrupar, com base no seu conhecimento linguístico, a segmentação dos elementos. Como por exemplo, “de forma descontínua, um dos muitos fatores é que os textos são muitas vezes difíceis – ele deverá agrupá-las na forma correta, para que o texto faça sentido” (KLEIMAN, 2000, p. 17).

Com os variados conteúdos dos quais entramos em contato, é impossível estar a par de todas as formas de textos ou significados, pois, cada um

tem seu gosto diferenciado, por exemplo: música, pensamentos, crenças etc. Com isso, o indivíduo percebe-se iletrados em certos assuntos:

Parece-me que é ponto pacífico que a pouca familiaridade com um determinado assunto pode causar incompreensão. Neste caso, a incompreensão se deve a falhas no chamado *conhecimento de mundo enciclopédico*, que pode ser adquirido tanto formalmente como informalmente (KLEIMAN, 2000, p. 20).

Com a troca de informações, ou seja, quando algo nos chama atenção e não sabemos qual é o seu significado, aproveitamos o fácil acesso à pesquisa, mais rápido possível, para entendê-lo e, para ampliarmos o nosso conhecimento de mundo.

O chamado conhecimento de mundo abrange desde o domínio que um físico tem sobre sua especialidade até o conhecimento de fatos como “o gato é um mamífero”, “Angla está na África”, “não se deve guardar fruta verde na geladeira”, ou “na consulta médica geralmente há uma entrevista antes do exame físico” (KLEIMAN, 2000, p. 20).

Exemplificando outra vertente, diz Kleiman (2000), há um segundo tipo de conhecimento de mundo, adquirido informalmente, através de nossas experiências e convívio numa sociedade, sendo ativado no momento oportuno é também essencial à compreensão de um texto.

A regra de *continuidade temática* é outra regra que regula os comportamentos automáticos, inconscientes do leitor na procura de ligações no texto. Ela permite a interpretação de elementos sequenciais, separados, como estando relacionados por um mesmo tema: a unicidade temática não constitui uma regra, é claro, mas determina a expectativa de que se um tema é abandonado para a introdução de um novo tema, eles devem estar relacionados, e a relação deve ser inferível ou materializada formalmente, ou ambos (KLEIMAN, 2000, p.52).

A falta de continuidade é um fator visível se tratando da leitura, pois, não há a necessidade de seguir um padrão quando lemos determinados textos, livros ou outras informações quaisquer.

Um leitor apto tem a capacidade de efetuar leitura sem movimentos labiais, sem subvocalização. “Os métodos observáveis do leitor proficiente são um reflexo de estratégias de ordem superior e são essas estratégias as que

caracterizam o bom leitor” (KLEIMAN, 2004, p. 14). Assim, o leitor apto tem como método de leitura, estratégias que, conseqüentemente, o tornam um bom leitor.

Quando lemos qualquer tipo de livros, buscamos informações que nos são interessantes; isso seria uma simulação de leitura, ela não se faz apenas em jornais, livros científicos, que tratam da atualidade, mas leitura de clássicos, leituras de época. Isso também é busca de informações, o leitor está extraindo daquele ambiente, daquela vivência, por exemplo, ler Shakespeare.

1.2 Concepções de escrita

Historicamente, as escritas surgiram como um modo funcional, seus sistemas gráficos que correspondem à natureza pictográfica, ideográfica, silábica, ou alfabética não foram inventados simplesmente para a sedução da mente, porém para servir de apoio à nossa memória.

De acordo com Morais (1996, p. 48), “a história conhece diferentes sistemas de escrita em primeira instância pictográfica, ideográfica, logográfica, silábica e alfabética”.

Sabendo dessas diferentes representações escritas, passamos aos seus significados:

O sistema mais primitivo é o sistema pictográfico. Os pictogramas representam um objeto de maneira simplificada, por exemplo: um círculo com pequenos traços que se irradiam a partir dele designa o sol (MORAIS, 1996, p. 48).

O homem tem inerente a ele a necessidade de se expressar, uma necessidade social de se comunicar e foi através do pictograma que ele obteve isso. O pictograma é um símbolo que representa um conceito, uma ideia, um objeto por meio de desenhos figurativos e vem de origem da antiguidade.

Kato também colabora com estudos sobre o pictograma:

O desenho do homem primitivo criado sobre a superfície de algum objeto tinha para ele, de início, a função de expressar suas ideias visualmente, enquanto a fala era a sua expressão auditiva. Com o passar do tempo, a expressão visual desenvolve-se em duas direções distintas: o desenho como arte e o sistema pictográfico na comunicação (2004, p.13).



O logograma é um símbolo que denota um conceito concreto ou abstrato da realidade, surgiu por volta de 3100 a.C., junto com o sistema pictográfico, cujas formas sofrem uma alteração para facilitar o traçado.

O logograma, como o próprio nome indica, já tem estatuto linguístico de palavra, e, portanto, tem também sua representação fonética. Para Gelb a fonetização da escrita começa com o logograma. Em alguns sistemas, para desfazer ambiguidades de hologramas mais complexos, acrescentam-se elementos com valor exclusivamente de sílaba ao símbolo inicial. Além disso, nomes próprios são compostos de ideogramas no seu valor estritamente fonético (KATO, 2004, p.14).

Um silabário é um conjunto de símbolos, na qual nós chamamos de letras do alfabeto, que representam sílabas que compõem uma palavra. É constituído por 26 símbolos, dentre eles as consoantes w e y e as vogais u e i.

Para se entender de que forma passamos do sistema logográfico-silábico para o sistema silábico, é importante examinar antes o fenômeno conhecido como *rébus*, que é a representação de palavras ou sílabas por pictogramas, utilizando-se apenas os sons dos nomes dos objetos representados. Usa-se muito da técnica do *rébus* em jogo de palavras. Tomemos, por exemplo, o pictograma para representar 'cara' e o pictograma para representar 'vela'. Se compusermos com eles a palavra caravela, estaremos usando apenas as propriedades fonéticas e não as semânticas. O mesmo pode ser feito com ideogramas, que são assim esvaziados de sua semântica. Não é fácil tentar representar palavras dessa maneira. Mas foi esse o caminho encontrado pelo homem para descobrir a escrita silábica (KATO, 2004, p.15).

Partimos agora para a representação gráfica mais conhecida e ainda usada para a escrita: o alfabeto, que é uma escrita classificada como "segmental", pois ela possui grafemas que representam os fonemas de uma língua. Criado pelos gregos, para a base da escrita, mas era feito apenas esporadicamente, isto é, uma vogal depois de uma consoante, e isso virou regra e permaneceu até os dias de hoje:

A descoberta do alfabeto ocorre no século X a.C., e Gelb mostra que, embora os sistemas orientais de escrita tivessem tido o mesmo tipo de desenvolvimento do sistema que evoluiu para o alfabeto grego, apenas esse segundo sistema chegou ao alfabeto. Depois da descoberta desse sistema, segundo Gelb, nenhuma inovação significativa ocorreu na história da escrita (KATO, 2004, p.16).

Seguindo com os pensamentos sobre o alfabeto, Morais (1996) também desenvolve uma ideia sobre a origem, refletindo que foram feitas diversas

adaptações de um sistema já pré-estabelecido, para chegar no que é hoje. Foi criado para ajudar nas necessidades da sociedade da época.

O que é o alfabeto? Ele foi descoberto ou inventado? Foi sem dúvida inventado, mas, como é o caso para todas as invenções, o alfabeto não surgiu do nada. Resultou da adaptação de um sistema pré-alfabético a novas necessidades. A invenção do alfabeto acarretou, de imediato, a descoberta daquilo que ele representa, o fonema (MORAIS, 1996, p. 65).

Quando tratamos de criança, a língua escrita vem como motivação, mesmo que elas tenham maior contato com a língua oral do que com a escrita, ainda assim há um despertar pelo interesse, já que seus pais ou responsáveis praticam o ato da leitura contando uma história nova a cada dia, para motivar a criança a conhecer esse universo. Novamente contribui Moraes “O par “leitura-escrita” é indissociável, só há leitura quando há (ou, mais precisamente, quando houver) escrita” (1996, p. 111).

É assim que as brincadeiras de criança de fazer de conta, ler livros ou escrever influenciam os novos leitores a darem seus primeiros passos no mundo da leitura e da escrita.

2 Concepções de letramento e multiletramento

Neste capítulo, tratamos de concepções históricas e constitutivas de questões relativas a letramento e a multiletramento.

“O conceito de letramento começou a ser usado nos meios acadêmicos numa tentativa de separar os estudos sobre o “impacto da escrita” (KLEIMAN, 1995, p.15). Esse conceito caracterizou um novo modelo de competências individuais no uso da prática e da escrita, não podemos nos esquecer de um fator relevante para a concretização disso tudo: a alfabetização. Com a evolução da alfabetização, da prática e escrita, deve-se ter uma relação entre leitor e texto, fazendo com que haja um estímulo em sua globalidade, começando com uma informação rápida até adquirir uma formação interior.

A escola, conhecida como uma *agência de letramento*, não vem se preocupando apenas com o letramento ou práticas sociais, mas enfatiza de um

modo especial o processo de aquisição de códigos, com base em um modo numérico e um alfabético, sendo um processo evidente para o sucesso e promoção de uma escola. “Já outras agências de letramento, como família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento diferentes” (KLEIMAN, 1995, p. 21).

Letramento está relacionado com a língua escrita e nos contextos que ela é usada, ou sociedades organizadas em torno de um sistema de escrita e em que esta, sobretudo por meio do texto escrito e impresso, tem como ideia central na vida das pessoas e em suas relações com os outros, um tipo de sociedade baseada em comportamentos individuais e sociais que supõem inserção no mundo público da cultura escrita, isto é, uma cultura cujos valores, atitudes e crenças são transmitidos, por meio da linguagem escrita e que valoriza o ler e o escrever de modo mais efetivo do que ocorre em sociedades iletradas, que utilizam apenas a língua oral e não possuem sistema de escrita.

O objetivo é levar o aluno a adquirir, cada vez mais, um grau superior do letramento, desenvolver conjuntos de habilidades e também comportamentos de leitura e escrita, que permita fazer com que o aluno adquira o melhor uso possível das capacidades de ler e escrever.

De nada adianta ensinar uma pessoa a usar o garfo e a faca se ela jamais tiver comida em seu prato para aplicar essas habilidades. Não há sentido em ensinar alguém a ler e a escrever, sem oferecer ocasiões para o uso efetivo, eficiente, criativo e produtivo dessas habilidades de leitura e de escrita. O ensino tradicional tem, como base, ensinar a escrita e a leitura às crianças para, uma vez (mal) alfabetizadas, começar o processo doloroso (para o aluno e para o professor) de inclusão mecânica da gramática tradicional, acompanhado dos difíceis exercícios de classificação morfológica e de análise sintática por meio de frases descontextualizadas, artificiais, banais, quando não francamente ridículas e/ou incongruentes (BAGNO, 2005, p. 52).

Nenhum projeto educacional deve ficar apenas na alfabetização desses alunos, é necessário oferecer a esses indivíduos a capacidade de letramento, ou seja, a capacidade de desenvolver as habilidades da leitura e escrita.

Assim, nenhuma aula de língua portuguesa deveria ser rotulada como “aula de gramática”. No lugar do método de decoreba de nomenclaturas e de

incessantes exercícios classificatórios, os docentes deveriam estimular seus alunos à prática da leitura, pois é assim que se aprendem regras gramaticais, colocando-as em realização.

Temos em nossa língua diversas variedades de gêneros textuais e, infelizmente, o nosso ensino tradicional aborda somente os gêneros escritos literários, esquecendo-se completamente do que se trata a língua oral, a língua falada, por ser considerada “sem gramática”, mas se esquecem dos diversos conceitos que temos na prática oral. A importância dessas práticas orais nos favorece se quisermos ampliar o conceito de *letramento*, aplicando-o à capacidade que a sociedade sempre teve nas mais distintas épocas e culturas, transmitir conhecimentos, manter a memória do grupo e relacionar coesão social, por meio de práticas em que não há dependência do conhecimento de qualquer forma de escrita.

Devemos também salientar que o acelerado desenvolvimento atual da tecnologia da informática nos obriga a incluir em nosso interesse outro tipo de letramento, o *letramento digital*, ou seja, a tela do computador se tornou um novo portador de textos, ocasionando novos gêneros, novos comportamentos sociais referentes às práticas de uso da linguagem oral e escrita, e exigindo de nós novas teorias e novos modelos de interpretação dos fenômenos da linguagem.

Freire e Macedo (1987) oferecem uma caracterização e crítica de vários conceitos diferentes de letramento. Uma abordagem *acadêmica* consiste-se na visão de classe de uma elite de homens e mulheres cultos sendo capazes de estudar o modelo literário aceito numa sociedade. Percebemos que o letramento atende às necessidades da sociedade, ou seja, é uma visão socioeconômica: a de que o letramento é necessário para que as pessoas possam cumprir melhor seu papel de bons cidadãos.

O letramento ainda se apresenta como tema polêmico. Pela complexidade e variação dos tipos de estudos que se inserem nesse padrão, podemos observar a dificuldade para encontrar uma definição para o conceito. Definimos hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que utilizam a escrita, enquanto sistema representativo e tecnológico, em contextos diversos.



Nas práticas da escola, que proporcionam o método da prática social, o letramento era visto, de maneira que os sujeitos eram classificados ao longo da divisão entre alfabetizado ou não-alfabetizado, em função dessa resolução, somente um tipo de prática que desenvolve algumas habilidades mas nem todas, e que indica uma forma de utilização do conhecimento da escrita (KLEIMAN, 1995, p. 71).

O letramento supera o mundo da escrita com a que ele é responsabilizado pelas instituições que se assume de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Confirma-se que a escola preocupa-se, não com o letramento, mas apenas com um tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), geralmente considerado em termos de uma competência individual necessária para o sucesso na escola.

2.1 Multiletramento

Adolescentes brasileiros de diferentes camadas sociais buscam novas tecnologias, novos meios de interação referentes à mídia eletrônica, melhor dizendo, a Internet. Uma das imagens mais evidentes nos jovens é a “transitoriedade”, algo temporário que marca a vida deles; temos outra imagem explanada com a qual se predomina muito na personalidade deles que vivem no mundo virtual, esta visão de imagem se molda ao fato de construírem a sua liberdade, ocasionando assim, vários prazeres quando envolvidos nas mídias, mais especificamente nas redes sociais. Podemos citar algumas características básicas, como sendo: expressão de comportamentos exóticos, marcados pela irresponsabilidade, onde o erro é um fator permitido até certo ponto. As redes sociais permitem aos jovens uma relação criativa tanto com os bens simbólicos quanto com a diversidade de culturas massivas que estarão fazendo com que ele se sinta seguro e esteja em constante conhecimento.

Um dado importante é o aumento significativo da acessibilidade dos jovens brasileiros à internet. De 2005 para 2008, o índice de jovens que acessam a *web* cresceu 66% para 86%, sendo assim o maior crescimento observado no acesso às redes sociais e, no caso brasileiro especificamente, ao Orkut (DOSSIÊ UNIVERSO JOVEM 4, 2008, online.)

Podemos observar que o aumento da acessibilidade dos jovens é significativo de 2005 a 2008, supõe-se que nos tempos de hoje com a ascensão do *Facebook*, esse número só cresceu.

Os jovens constroem suas identidades, identificam-se e, de fato, definem-se diante de outros jovens, como sujeitos e atores sociais. Interação que, como aponta Castells, não se limita ao universo virtual, “são fontes de informação, de trabalho, de desempenho, de comunicação, de desenvolvimento cívico e de divertimento” e por isso, tomam, muitas vezes, dimensões que transpõem o virtual (CASTELLS, 2001 109 apud ROJO, 2012, p. 237).

A diversidade cultural e a linguagem na escola vêm evoluindo cada vez mais com o passar dos anos, não há mais como negar a existência dessas variadas formas de comunicação que afetam o processo de aprendizado do aluno.

A importância de uma *pedagogia dos multiletramentos* foi, em 1996, afirmada pela primeira vez em um manifesto resultante de um colóquio do Grupo de Nova Londres (doravante, GNL), um grupo de pesquisadores dos letramentos que, reunidos em Nova Londres (daí o nome do grupo), em Connecticut (EUA), após uma semana de discussões, publicou um manifesto intitulado *A Pedagogy of Multiliteracies – Designing Social Futures* (“Uma pedagogia dos multiletramentos – desenhando futuros sociais”) (ROJO, 2012, p.28).

Com isso, observamos que, aproximadamente, 13 anos atrás, foi discutida a questão dos multiletramentos na escola. Partindo para outro ponto interessante e de aspecto relevante para o devido estudo, trabalhamos com as características de multiletramento que as distinguem do letramento (ROJO, 2012). Diferentemente do conceito de letramento (múltiplos), apontando para a multiplicidade e variedade de práticas letradas, o conceito de multiletramento nos leva para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades urbanas, especificamente na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos.

Para os multiletramentos, são necessárias novas ferramentas além da escrita manual representada pelo papel, lápis, caneta, giz e lousa; a imprensa, o áudio e o vídeo, edição e diagramação. São necessárias novas práticas de produção

nessas e em outras, cada vez mais novas, ferramentas e as de análise crítica como receptora.

Rojo cita três características importantes sobre a relevância dos multiletramentos:

- a) eles são interativos; mais que isso, colaborativos;
- b) eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não]);
- c) eles são híbridos, fronteirços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas) (ROJO, 2012, p.23).

Principais características dos novos (hiper) textos e (multi) letramentos é que, são interativos: contando layout, ferramentas e nas redes sociais. A lógica interativo-colaborativo das novas ferramentas dos (multi) letramentos diminui e permite fraturar ou subverter/transgredir as relações de poder pré-estabelecidas, tendo como prioridade as relações de controle unidirecional da comunicação e da informação:

Vivemos em um mundo em que se espera (empregadores, professores, cidadãos, dirigentes) que as pessoas saibam guiar suas próprias aprendizagens na direção do possível, do necessário e do desejável, que tenham autonomia e saibam buscar como e o que aprender, que tenham flexibilidade e consigam colaborar com urbanidade (ROJO, 2012, p. 27).

Com isso, caracteriza-se, o letramento crítico. Tem-se aqui outro espaço de atuação escolar, tendo como objetivo transformar o “consumidor acrítico” – se é que ele de fato existe. Para tanto, são necessários critérios analíticos que necessitam uma metalinguagem (um conjunto de conceitos) e extraposição.

Usemos como exemplo a capacidade precária com a qual os alunos tem de interpretação de texto, uma opinião crítica sobre notícia, redação, ou qualquer matéria relacionada ao âmbito escolar, com o uso dos letramentos críticos na sala de aula, auxiliaria no desenvolvido dessas habilidades (BAGNO, 2002, p. 51).

3 Hipertexto: breves apontamentos

Neste capítulo, abordamos a concepção de *hipertexto* e a correlação com o meio social e tecnológico na vida contemporânea, assim como reflexões do impacto do *hipertexto* nas habilidades de leitura e escrita dos indivíduos e no seu contato com o letramento e multiletramento.

3.1 Hipertexto e Web

Para se tratar do ambiente de *Web*, mais precisamente Internet, devemos começar pelo conceito de *hipertexto*.

É uma forma de linguagem que dialoga com outra, ou seja, tem como característica ser dinâmico e flexível referente à linguagem que dialogará com outras interfaces semióticas:

A compreensão dessa nova ordem, bem como a nossa sobrevivência nela, passam necessariamente pela aprendizagem da leitura e da escrita do/no hipertexto que tende a mediar as relações dos sujeitos na Sociedade de Informação. Esta mais recente tecnologia de linguagem encarna perfeitamente as metáforas Mcluhanianas do mundo como uma aldeia global e dos meios de comunicação como extensão do homem (XAVIER apud MARCUSCHI, 2005, p. 171).

O *hipertexto* é passado pela aprendizagem tanto da leitura quanto da escrita, apresentando assim, um tratamento nas relações dos sujeitos da sociedade da informação. Esta recente tecnologia tem traços evidentes de Mcluhan², que tem como ideia o mundo como uma aldeia e a comunicação como extensão do homem.

Também sobre o *hipertexto*, abordamos sua relação com a *Web*:

A *Web* é um serviço que funciona através de seu próprio protocolo HTTP, da expressão *Hipertext Transfer Protocol*, sigla que aparece em todos os endereços da Rede. Como o próprio protocolo demonstra, a *Web* tem como grande marca o hipertexto com toda a sua riqueza semiótica e dinâmica (Demétrio, 2001 35). Desta forma, como mostra Lévy (2000), quando textos, imagens e sons se sobrepõem formam um hiperdocumento que pode ser acessado a

² Mcluhan foi um educador acadêmico, considerado também um grande destaque como teórico da comunicação. Entre suas obras de maior destaque estão *O Meio é a Mensagem*, *Guerra e Paz na Aldeia Global*, *A galáxia de Gutemberg* e *Os meios de comunicação como extensões do homem*.



qualquer momento e de qualquer lugar, basta que se disponha das condições para isto (ARAÚJO apud MARCUSCHI, 2005, p.96).

A Web tem uma riqueza semiótica e dinâmica e que quando há textos, imagens e sons, forma-se um hiperdocumento, uma estrutura linear e com a qual poderá ser acessada em qualquer lugar.

A Web tem a faceta da globalização, que tem como marca evidente a velocidade de evolução referente aos meios de informática, provocando um avanço e causando melhorias de serviços e de qualidades em horas de trabalho:

A rede mundial de computadores, plugados mundialmente, permite ao usuário o acesso a informações do mundo todo. Desse modo, ele troca, armazena e obtém informações globalizadas. Hoje, um adolescente do interior da Bahia é capaz de comprar CDs de músicas em um site do sul dos Estados Unidos, assim como um engenheiro, recém-formado na Bélgica, pode encontrar um bom emprego em qualquer outro país europeu, conforme disponibilidade do sistema virtual de informações (GALLI apud MARCUSCHI, 2005, p.122).

A tecnologia juntamente com a facilidade ao acesso à Internet é algo que nos deixam sem controle, pois ficamos tão viciados nesse suporte que deixamos de lado nossos afazeres e compromissos. Com tudo isso, podemos chegar a uma conclusão da realidade social em junção com os prazeres da Internet, que seria o nosso comodismo.

A linguagem da Internet tem seus pressupostos que, naturalmente, estão caminhando para um novo modelo de comunicação. A Internet já se transformou num veículo de comunicação com uma linguagem acessível à maior parte dos hiperleitores. Desse modo, há uma exploração dos termos dessa área, os quais são transferidos para o contexto social e divulgados como uma linguagem global. (MARCUSCHI apud GALLI, 2005, p.125).

3.2 Hipertexto e chat

A linguagem como um suporte bastante importante na sociedade, ou seja, os fatos dos estudos linguísticos, leva-nos a observar o paralelo que há entre a Linguística e o *chat* de uma maneira geral:



A importância das tecnologias digitais na vida humana é questão de interesse nos variados domínios de produção do saber. No domínio da Linguística, por exemplo, já existem inúmeros estudos cujo objetivo são os *e-mails*, os *bate-papos virtuais*, os *fóruns de discussão*, as *aulas virtuais*, as *home pages*. Há certamente, ainda, muito a ser investigado em termos da linguagem e da constituição do sujeito sob as condições de produção das tecnologias digitais (KOMESU apud MARCUSCHI, 2005, p. 110).

Podemos observar que as tecnologias predominam e causam um interesse nas mais variadas formas do saber. Nestes meios de comunicação, fica evidente que a Linguística se une, de maneira que demanda condições propícias para que ocorra um diálogo entre ambas as partes, ou seja, linguística/chat. Por mais que fique claro, o comportamento da Linguística é relevante, há muito a se explorar nos meios de produções digitais.

Um dos meios que contém muitos hipertextos e que é considerado a forma mais utilizada no ambiente da Internet, é o famoso *chat*, um sistema em que podemos conversar com várias pessoas ao mesmo tempo.

Em nosso entender, os chats que acontecem na Web, poderiam ser chamados de chats hipertextuais por trazerem, em sua textura, marcas indeléveis da riqueza plural da linguagem do hipertexto, de modo que os elementos sonoros, imagéticos e escritos se fundem para compor o texto conversacional, ainda que a escrita, neste gênero, apresente características distintas da usual (KOMESU apud MARCUSCHI, 2005, p. 101).

Podemos assim dizer que os chats, de outra forma, podem ser entendidos como hipertextuais, por terem características de: formas, marcas, textura e de riqueza de linguagem em que os modos presentes (sonoros, imagéticos e escritos) quando olhamos se unem para se transformar e, conseqüentemente, constituir um texto.

3.3 Facebook em perspectiva histórica

O Facebook é um site de serviços de rede social que foi lançado em 4 de fevereiro de 2004. Foi fundado por Mark Zuckerberg, juntamente com seus amigos. Inicialmente, foi criado unicamente para os alunos da *Universidade de*

Harvard nos Estados Unidos, mas passado algum tempo foi expandido para outras faculdades.

Os usuários devem se cadastrar antes de utilizar o site, criando-se, assim, os perfis pessoais, podendo adicionar outros usuários como amigos e trocar mensagens, incluindo notificações automáticas, quando atualizarem seu perfil. Além disso, os usuários podem participar de grupos de interesses em comum, como por exemplo, um grupo criado pelo pessoal da escola, trabalho, faculdade e categorizar seus amigos por listas, como “amigos íntimos”.

Com a enorme quantidade de adesão de alunos, os fundadores expandiram o site para o público fora das faculdades, permitindo que qualquer pessoa, com 13 anos de idade ou mais pudesse acessar a rede social.

A partir desse momento, o crescimento de novos usuários vem sendo cada vez maior e por consequência a rede social passa a ser um evento do cotidiano das pessoas, afetando diretamente e indiretamente as relações sociais.

“De acordo com o Dr. Larry D. Rosen, professor de Psicologia da *Universidade Estadual da Califórnia Dominguez Hills*, o Facebook apresenta problemas e também alguns benefícios causados pelo uso das redes sociais.” O Facebook alterou as interações sociais, especialmente entre pessoas jovens. Agora, vemos os efeitos psicológicos positivos e negativos” (FACEBOOK, 2013, online).

Adolescentes que usam Facebook apresentam, com maior frequência, tendências narcisistas, enquanto jovens adultos com grande presença no Facebook mostram mais sinais de outros problemas psicológicos, incluindo um comportamento anti-social, manias e tendências agressivas.

Dr.Rosen: Essa conclusão não indica que o Facebook deixa as pessoas mais narcisistas. Pode indicar que as pessoas mais narcisistas usam mais o Facebook, ou que a rede social ressalta essa característica nas pessoas. O que estamos mostrando é a maneira como a rede faz as pessoas parecerem. Essa conclusão foi retirada de uma pesquisa que fizemos com 777 jovens e adolescentes, na qual perguntamos sobre todas as mídias que eles usavam – TV, música, videogames, SMS, quais os tipos de atividade que faziam no Facebook, etc, etc..

O uso corrente, diário, de mídias digitais e tecnologias possui um efeito negativo na saúde das crianças, pré-adolescentes e adolescentes, tornando-os mais propensos a ansiedade,

depressão e outras desordens psicológicas e também mais suscetíveis a futuros problemas de saúde.

Dr. Rosen - Estes resultados vieram de um estudo anterior, feito com outro propósito. Sabemos que crianças que comem junk food, que não se exercitam ou que têm pais obesos, por exemplo, tendem a ser menos saudáveis. Mesmo sem uma avaliação médica, a partir de respostas sobre seu comportamento, podemos prever que elas terão maior ou menor chance de ter problemas de saúde. Bem, o objetivo era avaliar a mesma coisa em relação ao uso das mídias e tecnologias. Existe algo na tecnologia que as crianças usam e que diga se elas têm pior saúde? A resposta é sim. Vimos que, de forma geral, quanto mais tempo uma criança ou adolescente passa usando qualquer mídia (TV, música, internet, SMS, telefone), menos saudável ele é. Mas a principal conclusão é que, quanto mais novas as crianças, menos tempo expostas à tecnologia elas devem ter.

O Facebook é uma distração com impacto negativo nos Estudantes. Estudos mostram que alunos que Vão ao Facebook pelo menos uma vez a cada 15 minutos durante seus estudos têm notas mais baixas.

Dr. Rosen- Criamos uma geração de crianças que estão acostumadas a ter um telefone, a ter sempre um barulho, e que nunca conseguem concentrar-se. Uma das coisas que notamos é que a abordagem de proibir o acesso ao Facebook durante os estudos em casa, por exemplo, não funciona. Ela gera ansiedade já que os jovens não conseguem ficar muito tempo sem ele. Já se efetuarem períodos de estudo seguidos por pausas para ver o Facebook, e-mail, etc, os jovens tendem a dar-se melhor – eles sabem que, em breve, poderão Ver os seus status, Notificações, etc.

Jovens adultos que passam mais tempo no Facebook são melhores em mostrar uma ‘empatia virtual’ aos seus amigos online/ Redes sociais podem ajudar jovens adolescentes introvertidos a aprenderem como socializar.

Dr. Rosen- O melhor é que esse efeito de empatia e de socialização passa para a vida real também. Jovens aprendem a dizer coisas no Facebook que não diriam pessoalmente, como se a rede social fosse um treino para a vida. Podem praticar e melhorar. Essas conclusões vêm de um estudo com 1283 pessoas – adolescentes, jovens adultos e adultos (FACEBOOK, 2013, online).

Os impactos demonstrados se referem a fatores positivos e negativos. De positivo, podemos destacar que essa rede social pode ajudar a interagir, conhecer mais pessoas, aumentar o círculo de amizades. Porém, ao mesmo tempo que ajuda, pode atrapalhar, isso se dá devido à dispersão que o usuário tem ao acessar o *site* no momento de estudo ou algum compromisso, pois o usuário entra

automaticamente, o que pode atrapalhar seu desempenho na escola, ocasionando, assim, notas baixas. Do outro modo, no lado negativo, podemos destacar como o Facebook pode “mudar” o comportamento. Adolescentes que utilizam essa rede social, predomina com uma frequência elevada o narcisismo, enquanto jovens adultos evidenciam sinais de um comportamento de problemas psicológicos, ou seja, quadro antissocial juntamente com tendências agressivas.



Fonte: FACEBOOK, 2013, online.

No quadro anterior, podemos ver que no Facebook, há maneiras de se interagir com as pessoas nas quais postam suas informações. São 3 tipos de modos: [1] Curtir; esse modo leva o usuário a uma rápida resposta para seu amigo que postou, deixando de escrever, apenas curtindo, representa que visualizou ou que achou interessante. [2] Comentar; outro modo, porém esse, o usuário pode escrever o que achou da devida postagem e pode até dizer sua opinião sobre o mesmo; e finalmente [3] Compartilhar; modo bastante utilizado pelos usuários para

Revista Eletrônica de Letras (Online), v.7 , n.7 , edição 7, jan-dez 2014. Página 22

demonstrarem seus sentimentos, suas personalidades e de espalhar notícias importantes para que seus amigos possam visualizar depois.

Na continuação da pesquisa, enfatizamos uma pesquisa de campo, para verificar as habilidades de leitura de escrita em uma rede social. No caso, a leitura do *Facebook*, apresentando, antes, breves características das gerações pós-modernas.

4 Gerações de ontem e hoje: os códigos Y e Z

No presente capítulo, apresentaremos breves discussões sobre a constituição das gerações y e z que compõem os principais usuários dos hipertextos.

4.1 Geração Y

Esta geração tem como base jovens com 20 e poucos anos que destacam como um grupo que, aos poucos, vem provocando uma revolução silenciosa. "Tudo é possível para esses jovens", diz Anderson Sant'Anna, professor de comportamento humano da Fundação Dom Cabral. "Eles querem dar sentido à vida, e rápido, enquanto fazem outras dez coisas ao mesmo tempo" (REVISTA GALILEU, 2013, online). Aos olhos da sociedade, esses jovens são vistos como folgados, distraídos e superficiais. Dentro do meio digital, na democracia e também na família, eles buscam "liberdade", querem fazer o que acham certo, estão acostumados a esse conceito de vida. "Minha prioridade é ter liberdade nas minhas escolhas, fazer o que gosto e buscar o melhor para mim", diz a estudante Priscila de Paula, de 23 anos. "Fico muito insatisfeita se vejo que fui parar em um lugar onde faço coisas sem sentido, que não me acrescentam nada." Vemos que estudantes dessa faixa etária procuram, cada vez mais, fazer algo que os satisfaçam, de maneira que aumente o ego pessoal do indivíduo, eles querem ser independentes "donos dos próprios narizes", mas ao mesmo tempo, ainda não têm uma estabilidade financeira para realizarem as suas próprias vontades (REVISTA GALILEU, 2013, online).

"Esses jovens estão aptos a desenvolver a autorealização, algo que, até hoje, foi apenas um conceito", afirma Anderson Sant'Anna. É nesta etapa que se começa a crescer a "busca de significado", ou seja, é maneira que expressa os sentidos às coisas:

No trabalho, é comum os recém-contratados pularem de um emprego para o outro, tratarem os superiores como colegas de turma ou baterem a porta quando não são reconhecidos. "Descobrimos que eles não são revoltados e têm valores éticos muito fortes, priorizam o aprendizado e as relações humanas", diz Miriam. "Mas é preciso, antes de tudo, aprender a conversar com eles para que essas características sejam reveladas" (REVISTA GALILEU, 2013, online).

O diálogo entre os jovens pode ser da maneira mais simples que há: via celulares, e-mails; MSN; twitter, entre outros. As redes sociais têm um valor grandioso na vida desses adolescentes. Parece um fato sem importância, mas estudos americanos comprovam que quem convive com ferramentas virtuais desenvolve um sistema cognitivo diferente. Por mais que as "turmas" das gerações baby boomers, X, e por fim dizer os Y, tenham domínio na sociedade.

Figura1 – Resumo das gerações

"VAMOS MUDAR O MUNDO!"
Nos últimos 60 anos, três gerações marcaram época e mudaram os valores e o jeito de a sociedade pensar. Agora é a vez da abusada Geração Y

	<p>TRADICIONAIS (até 1945) >>> É a geração que enfrentou uma grande guerra e passou pela Grande Depressão. Com os países arrasados, precisaram reconstruir o mundo e sobreviver. São práticos, dedicados, gostam de hierarquias rígidas, ficam bastante tempo na mesma empresa e sacrificam-se para alcançar seus objetivos.</p>
<p>BABY-BOOMERS (1946 a 1964) >>> São os filhos do pós-guerra, que romperam padrões e lutaram pela paz. Já não conheceram o mundo destruído e, mais otimistas, puderam pensar em valores pessoais e na boa educação dos filhos. Têm relações de amor e ódio com os superiores, são focados e preferem agir em consenso com os outros.</p>	



GERAÇÃO X (1965 a 1977) >>> Nesse período, as condições materiais do planeta permitem pensar em qualidade de vida, liberdade no trabalho e nas relações. Com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação já podem tentar equilibrar vida pessoal e trabalho. Mas, como enfrentaram crises violentas, como a do desemprego na década de 80, também se tornaram céticos e superprotetores.

GERAÇÃO Y (a partir de 1978) >>> Com o mundo relativamente estável, eles cresceram em uma década de valorização intensa da infância, com internet, computador e educação mais sofisticada que as gerações anteriores. Ganharam autoestima e não se sujeitam a atividades que não fazem sentido em longo prazo. Sabem trabalhar em rede e lidam com autoridades como se eles fossem um colega de turma.



Fonte: REVISTA GALILEU, 2013, online.

No quadro anterior, podemos observar a evolução das gerações e suas características marcantes na sociedade. Assim, concluímos que são os ípsilons os personagens do mundo em que vivemos, a maneira como enfrentam a realidade.

Harmonizados com o presente imediato, a geração Y é diferente de tudo, separados por um tempo distante da geração X. Não podemos deixar de evidenciar que são a maioria, pois, nunca uma geração foi tão representativa em termos quantitativos.

No Brasil ainda mais, pois somos um país muito jovem. E se aqui, a voz do povo é a voz de Deus...bem, então Deus nunca falou tão alto, tão rápido e com gírias tão curiosas como agora. Nossa faixa produtiva nunca esteve tão larga e são majoritariamente os ípsilons que, hoje, consomem, votam, trabalham, pensam, discutem, enfim, influenciam o perfil do nosso planeta. Sim, eles são mais influentes do que qualquer outra geração. Já foram, em parte, criados para influenciar e, desde criança, acostumaram-se a ser ouvidos e a tomar parte das decisões domésticas e por meio da tecnologia. Agora, produtivos, não é de se estranhar que transfiram para o mundo esse hábito (CALLIARI; MOTTA, 2012, p.18).

Com a mudança nos aspectos comportamentais na vida das crianças e dos adolescentes, devido ao rápido processo, ao fácil acesso à internet, ajuda esses jovens a juntarem forças para seguirem seus ideais, irem em busca de informação (seja ela qual for), e se tornarem, cada vez mais independentes em se tratando de mídias digitais, interagindo e estando por dentro de todas as novidades

virtuais, aparelhos celulares, computadores, videogames, enfim, tudo o que está na moda entre eles nos dias de hoje.

4.2 Geração Z

Se a geração anterior, a Y, já é algo bastante perturbador para a sociedade lidar, na geração Z, os problemas se multiplicam. O tempo desta geração se dá por jovens nascidos na década de 1980 e 1990; podemos dizer que eles já “nascem” com a tecnologia: são celulares avançados, fone de ouvido nas ruas e nos meios de transportes, videogames modernos, computadores cada vez mais velozes. A vida desses jovens se configura em uma velocidade extraordinária, muitos não imaginam vivendo sem a internet, sem os iPods, entre outros aparelhos com grande tecnologia.

As características se baseiam no processo da evolução digital, isso começa desde criança, onde o valor de brinquedos que diríamos simples, já se perde para a tecnologia. Por exemplo: uma criança que espera por aproximadamente um ano para ganhar um brinquedo de seu pai, passam-se dois dias e o brinquedo já está largado a um canto da casa. Uma característica marcante desta geração corresponde ao isolamento, ou seja, a falta da interação social. Com isso, acarreta vários problemas, tais como: sua expressividade no ato de comunicar e a ausência na capacidade de ser ouvinte. Em uma sociedade, na atuação política, eles se saem prejudicados perante o direito de escolher um governante ou de apenas conversar sobre o tema, pois devido a tantos itens tecnológicos suas mentes são distraídas, tornando na maioria das vezes alheios à vida política de sua cidade, do seu país e do mundo. De acordo com os estudos realizados sobre: *Geração Z no Brasil: superdependentes da tecnologia online* “89% deles fazem uso de pelo menos uma rede social e mais de 64% a acessam diariamente. São jovens que usam SMS todos os dias para diversas finalidades (83%) e que gostam tanto de teclar quanto de falar ao telefone (92%)” *Geração Z no Brasil: superdependentes da tecnologia, online.*

Com essa porcentagem, podemos analisar que esses jovens se satisfazem com a um convívio de tecnologia e mobilidade ao seu redor. Suas

“ferramentas” para o dia-a-dia são notebooks e tablets, e têm prioridade em instalar aplicativos em seus smartphones. Jovens desta geração se caracterizam por serem criativos, inteligentes, tolerantes, flexíveis e abertos; diferentes das gerações anteriores que nasceram sem todo esse avanço tecnológico, quando a busca de informações não era de tão fácil acesso como nos dias atuais.

O uso de aparelhos tecnológicos vem tornando os alunos cada vez mais individualistas e conseqüentemente ocasiona a falta de interação, tanto com os colegas em sala de aula, quanto com as pessoas do convívio social; a escola pode colaborar nesse aspecto, solicitando mais trabalhos em grupo, teatros e dinâmicas em sala de aula, aumentando assim, o relacionamento entre eles, deixando clara a ideia de que isso não seria para extinguir o uso dos aparelhos tecnológicos, mas sim de fazer uso de uma maneira útil em situações escolares.

5 Pesquisa de campo: descrição e análise

No presente capítulo, abordarmos a pesquisa de campo e a análise em que enfatizamos a verificação de leitura em uma rede social, no caso, a leitura do *Facebook*.

A formação de um leitor e de um produtor de textos é um dos principais objetivos do ensino de língua portuguesa. Também uma proposta de alfabetização, letramento e multiletramento leva em conta o caráter dos textos e a multiplicidade de sua significação que são objetivos de trabalho de um docente de língua materna.

Os procedimentos escolhidos para obter as informações foram os seguintes: escolher uma pessoa, pedir permissão a ela para a observarmos durante 10 minutos em sua navegação na referida rede social. O modo de coleta das informações constituiu-se em anotar, em um Diário de Campo, as estratégias de leitura do participante da pesquisa no *Facebook*.

Seguindo esses pensamentos, podemos entender que trabalhar com as várias vertentes discursivas e textuais ajuda o aluno no processo de aprendizagem, nunca nos esquecendo de que cada um tem as suas facilidades e dificuldades em se tratando das metodologias usadas por professores para ministrarem suas aulas. Os alunos:

- leem vários assuntos ao mesmo tempo?

- detêm-se em textos verbais ou em imagens?
- impõem um percurso e velocidade da interação com a leitura e com a escrita?
- o que mais o leitor busca?
- utilizam do bate-papo?
- curte, comenta, compartilha? Em que frequência?
- acessam páginas de amigos?
- fazem postagens?
- jogos?

Com base nas referidas categorias, escolhemos quatro sujeitos que primeiramente, concordaram com nossa proposta. A partir da aprovação dos mesmos, por meio da observação direta, construímos o nosso Diário de Campo.

Para verificar o multiletramento e a relação da leitura e da escrita de jovens das gerações Y e Z e o respectivo (multi)letramento destes no Facebook, estivemos, durante 10 minutos, ao lado de cada jovem, observando e anotando cada atitude. O processo todo é descrito a seguir, apresentando os dados de cada um dos quatro participantes, com as respectivas análises.

5.1 Leitura e escrita: do conhecimento prévio às interações das gerações Y e Z no Facebook

Neste item, são apresentadas as análises referentes às habilidades de leitura e escrita das gerações y e z no Facebook.

Adolescente 2

Sexo: Masculino

Idade: 20

Tempo: 10 minutos

- Atualizações pendentes de eventos e jogos
- Clicou - Vídeo compartilhado do Youtube
- Curtiu e compartilhou fotos e frases
- Rolou
- Continuou rolando o cursor para ver as últimas atualizações de amigos e páginas de diversos conteúdos

Adolescente 1

Sexo: Feminino

Idade: 21

Tempo: 10 minutos

- Bate papo
- Rolou
- Bate papo
- Rolou
- Bate papo
- Olhou fotos
- Clicou- "Página Inicial"
- Olhou Notificações
- Foto- homem de musculação (suplemento)
- Bate papo
- Bate papo

Adolescente 4

Sexo: Feminino

Idade: 21

Tempo: 10 minutos

- Verificou as atualizações pessoais
- rolou
- bate papo
- rolou
- verificou a solicitação de amizades
- bate papo
- rolou
- curtiu imagens
- comentou imagens
- bate papo
- rolou

Adolescente 3

Sexo: Feminino

Idade: 19

Tempo: 10 minutos

- Conferiu atualizações e marcações.
- Aceitou pedidos de amizades.
- Desceu a página.
- Curtiu uma frase curta.
- Curtiu uma imagem.
- Desceu a página.
- Alguém chamou no bate-papo.
- Desceu a página.
- Curtiu uma frase curta.
- Desceu a página.
- Respondeu quem chamou no bate-papo.
- Comentou foto de amigos.
- Desceu a página.
- Clicou em imagens com frases.
- Continuou clicando para ir passando as imagens.
- Desceu a página.
- Puxou assunto com alguém no bate-papo.
- Visitou o perfil de uma pessoa conhecida.
- Olhou as fotos dessa pessoa.

Para responder aos questionamentos que orientaram a coleta de dados sistematizamos algumas categorias que passamos a descrever e analisar.

As referidas categorias levam em conta aspectos de leituras e de escrita; letramento e multiletramento de usuários de redes sociais, mais especificamente o Facebook; a interação dos jovens das gerações y e z face à própria constituição da identidade nas habilidades de leitura e escrita no Facebook.

Dessa forma, ao iniciar a análise de cada categoria, é retomada a perspectiva teórica anteriormente tratada nos capítulos iniciais do trabalho e, em

seguida, realizada a leitura dos dados coletados juntamente aos quatro participantes.

5.1.1 Conhecimento prévio e conhecimento textual

De acordo com Kleiman (2010), o conhecimento prévio se dá a partir do conhecimento linguístico, textual e o de mundo adquirido pelo leitor. Esses conceitos fazem com que o leitor consiga construir o sentido para o texto, com isso, usando todos os níveis de conhecimento que ele possui, auxiliando no processo para que a leitura seja interativa, agradável, pois, sem o conhecimento do que está sendo lido, não há compreensão.

O conhecimento linguístico parte da ideia implícita, não verbalizada, faz com que falemos o português nativo, porque já estamos em contato com a língua desde o momento em que nascemos.

No caso do conhecimento linguístico, o usuário do Facebook deve ser alfabetizado, conhecer, mesmo que precariamente, a língua portuguesa e estar letrado em relação a termos próprios desta rede social. Partindo do princípio de que os jovens das gerações y e z já nasceram permeados pelas novas tecnologias, o conhecimento linguístico não é barreira para o uso do Facebook.

Em seguida, observamos que também é um conhecimento prévio, ajudando na compreensão do texto, podendo ser dividido por estruturas, assim como: *narrativa*, caracterizada pela marcação cronológica, no uso de diversos momentos no tempo real da história, e a causalidade, o porquê e a motivação dos fatos no desenvolvimento da história, dentre eles estão as narrativas padrão e a canônica, contendo as seguintes partes: *cenário* ou *orientação*, onde são apresentados os personagens; *complicação* formulando o início da trama, por fim a *resolução*, o desenrolar da trama até o fim (KLEIMAN, 2010).

No caso do conhecimento textual, não há uma orientação definida, no Facebook, uma vez que os elementos-chave não exigem uma estrutura prévia e coesa.

Nota-se, ainda, que o alfabeto é a forma presente nas redes sociais, ou seja, a representação gráfica a qual os usuários se utilizam para a comunicação nos

chats, nos compartilhamentos de frases, enfim, em todos os tipos de interação estão presentes e são exigidas para o Facebook.

Observamos, nas ações dos participantes 1, 2, 3 e 4, a utilização da forma escrita em todo processo de comunicação no Facebook, demonstrando o conhecimento linguístico dos usuários e que fez com que toda a comunicação fluísse de forma natural e espontânea.

5.1.2 Objetivos e expectativas na leitura e na escrita

Ao ler ou escrever um texto, os indivíduos possuem uma finalidade. Inicialmente, é necessário que a comunicação se estabeleça. Em seguida, necessitam que suas expectativas sejam atingidas, pois, caso contrário, desistem da leitura ou da escrita.

Na pesquisa de campo realizada para o presente trabalho, constatamos que o objetivo-mor do acesso à rede social é obter informações atualizadas de amigos e atualizar as próprias informações.

Há uma curiosidade significativa em se observar solicitações de novas amizades, quantidade de “curtidas” e “comentários” que foram feitos em publicações realizadas.

Nota-se a necessidade de se alimentar o “ego” e, principalmente, nas questões relacionadas à própria imagem.

A falta de interação, nas redes sociais, leva os jovens a um sentimento de isolamento, por isso, eles precisam estar sempre conectados com as mídias digitais, situados nas redes, é como estar no mundo, incluídos no grupo social. A expectativa que se tem está seguramente relacionada às solicitações de amizade, ou seja, quem está interessado em ser amigo.

A vida alheia é um fator de curiosidade inegável durante o acesso ao próprio Facebook, pois, temos a todo o momento, a necessidade de “vasculhar” a vida do próximo, assim como os acontecimentos de amigos e de outros se faz presente.

O conteúdo do Facebook é vasto, sendo impossível haver apenas atualizações que tragam benefícios para quem os leem, caracterizando-se apenas como uma tomada de informação e não construção de conhecimento.

O estilo de escrita nas redes sociais, tanto em atualizações quanto nos chats, está voltado para a fala. Com isso, os usuários digitam textos próximos aos textos verbais, em forma de escrita abreviada, para facilitar o processo da conversa, para obter uma resposta mais rápida.

Dessa forma, constatou-se, junto aos quatro participantes da pesquisa, que os objetivos e as expectativas resumem-se, principalmente, à tomada rápida de conhecimento sobre o que está acontecendo na vida dos outros e quem está se interessando pela vida do usuário.

Também é objetivo comunicar-se rapidamente, no bate-papo, com pessoas conhecidas, abreviando palavras e empregando símbolos, chamados emoticons. Parece ser uma forma de ter sempre uma companhia ao lado.

5.1.3 Estratégias de leitura e de escrita

A leitura é essencial na vida cotidiana, mesmo fora do ambiente de trabalho ou escolar usamos, principalmente, o apoio do aparato tecnológico.

No ambiente, existe tanto a linguagem verbal quanto a visual. Nesse sentido, observamos que a leitura e a escrita foram fortalecidas.

A leitura é um processo neurofisiológico, um processo de percepções, no qual tratamos de signos ou imagens. Depois que o leitor consegue decifrar o que está sendo proposto, a próxima etapa é entender do que se trata e interpretar através de um saber mínimo para dar continuidade à leitura.

O ser humano, por enfatizar o aspecto visual, com o passar do tempo, foi aprimorando mais a comunicação através de imagens. Hoje, observa-se que a comunicação em meios digitais é feita por imagens.

Assim como nos meios digitais, o Facebook não seria diferente, a quantidade de mensagens transmitidas, através de imagens, é maior do que mensagens transmitidas por meio da escrita. O processo de entendimento de uma foto é simples e ágil, não necessariamente precisa de uma bagagem cultural ou

cognitiva, para entender o que está sendo passado. Na escrita, a produção de texto é diferente, é um processo que exige elaboração, interpretação e raciocínio, para que se crie a mensagem que se quer transmitir.

Os usuários de redes sociais aparentemente preferem a linguagem imagética, para que todo o processo de interpretação e transmissão de informações seja mais rápido e de fácil acesso a todos os seus contatos.

Os participantes observados utilizam das rolagens, o olhar a fotos, os atos de “curtir” e “comentar” imagens, confirmando todas as teorias anteriormente citadas.

5.1.3.1 Léxico

A presença do item lexical pode fazer toda a diferença para definir a coerência de um texto. Funciona como um elo que permite ligar diferentes partes para que haja uma sequência de informações.

Para que uma frase tenha sentido, são necessários vários elementos de linguagem e processos de interpretação e, assim, o leitor consiga receber a mensagem que o autor gostaria de transmitir. Em muitos casos, a experiência do leitor pode afetar a interpretação. O processo de entendimento da mensagem transmitida através da escrita é constituído da leitura propriamente dita, interpretação e associação dos conhecimentos prévios, para que depois o se entenda a mensagem.

Na mensagem transmitida através da imagem, podemos reduzir esse processo, agilizando, assim, todo o processo de interpretação e de assimilação.

Baseado nesse fato, o Facebook enfatiza métodos visuais para que os usuários interajam entre si e compartilhem mais informações. Ao promover a visualização de quantidade de “curtidas”, “comentários” e “compartilhamentos”, a rede social estimula os usuários a visualizarem o que é mais popular na rede e também provoca a curiosidade nos demais usuários para que também vejam o que os amigos ou conhecidos estão fazendo ou “curtindo”. Todo esse processo faz com que a comunicação no Facebook tenda a ser praticamente através de imagens e

bate-papo, pois a rede social estimula um contato mais íntimo e rápido entre os usuários.

O Facebook tornou-se o novo ponto de encontro das pessoas, sendo que antigamente as pessoas costumavam se encontrar em praças públicas para que pudessem conversar sobre suas vidas e se informar sobre acontecimentos em geral. A rede social conseguiu criar um ambiente similar, porém mais rápido e fácil, modernizando o hábito anterior.

Na pesquisa de campo, observamos que o bate-papo e a visualização de informações dos contatos está presente no comportamento desses perfis estudados, em que a troca e a busca de informações alheias são constantes.

Todo o processo acontece naturalmente, pois os usuários já possuem experiência anterior em outras redes sociais atuais ou anteriores. O indivíduo já está letrado, tem uma pré-disposição para essa forma de comunicação, pois houve um contato similar em outros meios atuais, o que podemos chamar de multiletramento.

5.1.3.2 Leitura e escrita “automáticas”

A leitura automática é um processo que o sujeito disponibiliza para a construção de um contexto, ou de um processo inferencial de natureza inconsciente:

Os processos através dos quais utilizamos elementos formais do texto para fazer as ligações necessárias à construção de um contexto é um processo inferencial de natureza inconsciente, sendo, então, considerado uma estratégia cognitiva da leitura. As estratégias cognitivas regem os comportamentos automáticos, inconscientes do leitor, e o seu conjunto serve essencialmente para construir a coerência local do texto, isto é, aquelas relações coesivas que se estabelecem entre elementos sucessivos, sequenciais no texto (KLEIMAN, 2000, p.50).

A utilização da leitura automática se tornou parte do cotidiano dos usuários do Facebook, passou a significar uma forma de dizer como a pessoa está naquele momento. Os ícones de expressões faciais viraram leitura automática. Existe um percentual significativo de repetições e mesmices. Os objetivos e as

expectativas dos leitores fazem dele um celetista, pois lê muito rapidamente o que não é interessante e rapidamente o que interessa.

Os ícones mais utilizados são os: :) – feliz, :(- triste, :'(- chorando, ;) – piscando, :/ - chateado, :D – super feliz, :O – surpreso, :P – mostrando a língua, :S – constrangido, :@ - bravo, kkkkk / hahaha / rrsrrs - risada.

A partir da leitura automática, o processo de comunicação tornou-se um método rápido. Criou-se um ciclo de vícios de linguagem, pois, com a utilização praticamente exclusiva de imagens para transmitir informações, os usuários passam a criar métodos abreviados de escrita, formando assim, as linguagens atuais, tais como: vc (você), kd (cade), t (te), pq (porque), tbm (também), n (não). Todas essas abreviações são características das gerações y e z, que procuram rapidez e agilidade em tudo que fazem.

Mesmo no bate-papo, os usuários analisados demonstraram o maior interesse na comunicação visual, utilizando símbolos e observações como forma de comunicação, para que fosse possível uma troca de informações mais rapidamente.

5.1.3.3 Rapidez e descompromisso

Com a grande facilidade de criação e compartilhamento de informações, o usuário passa a ter contato com um número significativo de informações por minuto, e por conta disso, acaba perdendo parte do conteúdo, absorvendo apenas pequenas partes do que é oferecido a ele.

A rapidez e o descompromisso com o que é publicado no Facebook é uma característica dessas gerações contemporâneas, as quais têm contato com muita informação, que geram um efeito em cadeia, absorve-se pouco e se produz muita informação de qualidade duvidosa.

Com a facilidade de publicação de informações de baixa qualidade, o Facebook passa a ser um meio de comunicação quase que exclusivamente de conteúdo supérfluo e de pouco aproveitamento. Esse método ágil de publicação faz com que haja muitas postagens por minutos. A leitura do Facebook é uma leitura de que tem muitos “metros”, é extensa, exige muita rolagem, pois um usuário mal

acabou de verificar as atualizações de seus amigos e já tem dezenas de novas informações para verificar.

Como vimos, os jovens analisados possuem a tendência de conferir rapidamente o conteúdo produzido por seus contatos, rolando as páginas até encontrarem algo que seja realmente atrativo e de seu costume.

5.2 Letramento e multiletramento no Facebook

O conhecimento prévio da geração Y era o da geração X. Com isso, sabendo que uma das principais vertentes da época era a qualidade de vida, liberdade no trabalho e nas relações, com o aparecimento das tecnologias de comunicação contribuíram para o equilíbrio da vida pessoal e do trabalho.

O conhecimento prévio da geração Z é o da geração Y, com poucos problemas sociais, políticos, e governamentais, o mundo aparentava estar estável, a população cresceu no decorrer de uma época da valorização intensa da infância, como exemplos: a internet, o computador e a educação mais sofisticada que as gerações anteriores com o passar do tempo adquiriram autoestima e não participam de atividades com períodos extensos de duração.

Nos dias de hoje, os jovens prezam muito o fator *velocidade*, pois, eles estão acostumados com a rapidez dos suportes, em apenas um clique, eles já têm em mãos todas as informações que lhes são necessárias. Com o aparecimento e o crescimento dos aparelhos tecnológicos, os usuários estão cada vez mais informatizados sobre o mundo virtual; os principais meios de comunicação presentes nos dias atuais são: computadores, celulares, tablets, etc. Com essas variadas ferramentas, eles tendem a ser mais dispersos, de maneira que um dia de 24 horas, passa a ser visto como 46 horas, graças ao uso dessas ferramentas simultaneamente, ou seja, enquanto navegam pelo Facebook, curtindo e compartilhando atualizações, eles falam ao celular, respondem à SMS, ouvem música, pesquisam algo na internet, leem e-mails, isso faz com que um dia normal passe a ser considerado quase dois dias, devido à quantidade de ações realizadas por esses jovens (CALLIARI; MOTTA, 2012).

Comparando os jovens observados, podemos ver o comportamento das gerações y e z, presentes no Facebook, pois os usuários realizam diversas funções e tarefas ao mesmo tempo, assim como: bate-papo, postagens de amigos, a leitura de notícias, a realização de comentários, curtidas de fotos e páginas.

A pessoa letrada na *Internet* usa, com maior facilidade outros softwares presentes.

No caso do Facebook, o leitor postulado já estava letrado e já conhecia partes do gênero textual, assim como: ORKUT, MSN, E-MAIL, BATE-PAPO etc, ajudando-o, assim, no manuseamento do suporte interativo.

O conhecimento prévio das características presentes nesses meios de comunicação também aparece no Facebook, de maneira que o leitor precisa apenas se adaptar nas diferentes formas de aproveitar essas ferramentas úteis e necessárias para o seu uso.

De acordo com o que foi observado, os participantes já estavam letrados na rede social, assim como em todas as ferramentas utilizadas, como: a verificação de atualizações, o compartilhamento de imagens e a verificação de solicitação de amizades, deram-se pelo simples fato dos usuários já terem tido contato com ferramentas em sites e outras redes sociais afins. Enfim, o conhecimento de acesso ao Facebook já estava internalizado.

5.3 Interação dos usuários em habilidades de leitura e de escrita

À medida que o leitor cria uma relação entre ele e o autor do texto ou da imagem, está pré-estabelecida a relação entre o enunciador e o enunciatário. Mesmo que a criação de mensagens, por meio de imagens seja rápida e simplificada, o autor não irá publicar qualquer tipo de conteúdo em que qualquer tipo de suporte textual, pois ele já possui um público alvo pré-definido, no qual ele já espera uma resposta e interação daqueles usuários que foram postulados.

Mediante a leitura, estabelece-se uma relação entre leitor e autor que tem sido definida como de responsabilidade mútua, pois ambos têm a zelar para que os pontos de contato sejam mantidos, apesar das divergências possíveis em opiniões e objetivos (KLEIMAN, 2000, p. 65).

No momento que o autor pretende compartilhar alguma informação, por mais que o público já esteja pré-estabelecido, é importante lembrar que ele necessita ter em mente que a chance de um impacto negativo é possível e que, com isso, ele precisa estar preparado.

Como foi analisado, os usuários apresentam um interesse pré-determinado por certos conteúdos imagéticos, visualizados pelo procedimento de rolagem de tela e com breves pausas para conferir o as informações. Por conta disso, podemos dizer que o Facebook se constitui dessa questão visual e com isso utiliza formas de publicações de conteúdo, de uma maneira que o usuário já se acostume com o padrão de apresentação. Trata-se da constituição de um gênero textual, quanto mais o usuário acessa e interage.

Com a referida rede social, mais estabelece interações, que o formam como leitor e produtor de textos no gênero.

Conclusão

Retomando o objetivo inicial da pesquisa que foi refletir sobre o (multi)letramento de jovens das gerações y e z, no tocante às habilidades de leitura e de escrita em redes sociais, mais especificamente no Facebook, apresentamos as seguintes considerações.

A leitura que os usuários fazem no Facebook levam em conta o conhecimento prévio e o conhecimento linguístico destes, que demonstram estar letrados no mundo virtual, uma vez que outras redes sociais já surgiram e desapareceram, nos últimos anos, como o Orkut, MSN, *chats* etc. Não houve dificuldade dos participantes em acessar e interagir no Facebook.

As leituras na rede social se mostraram *difusas*, uma vez que os leitores têm disponibilizada uma série de links que podem ser acessados no decorrer do texto. Por isso, há uma desobediência à questão do conhecimento textual, pois não há links de textualidade, ou seja, não há coesão e coerência. A própria rede social propicia opções de contextos diferentes: verificar amigos, atualizações, bate-papo, pesquisa etc.

A partir da *difusão*, nota-se que a leitura, no Facebook, é *fragmentada*, pois podem ser abertas várias abas, ao mesmo tempo, levando o leitor a acessar vários assuntos, muitas vezes, de temáticas diferentes.

Na habilidade de escrita, observou-se a *velocidade* com que os adolescentes digitam e navegam na internet. Fazem uso de atalhos, abreviaturas, símbolos, principalmente nas opções de bate-papo e comentários. Os comentários, geralmente, são pouco extensos. Os usuários preferem a opção “curtir”, que é mais rápida, apenas um clique, que “comentar”, que exige escrita. No bate-papo, predominam as abreviaturas, universalizadas em um código – por exemplo: vc= você, tb = também etc – e emoticons, que são representações de sentimentos, em forma de imagens.

Predominam, no Facebook, os textos imagéticos, as fotos, os filmes, as charges. É uma forma de “aproveitar” o tempo, fazendo uma leitura mais veloz.

O Facebook reúne em si opções anteriormente disponibilizadas em outras redes sociais, por isso, trata-se de um subgênero que carrega em si outros gêneros, como o ORKUT, nas questões de amizade; o MSN, que é análogo ao bate-papo; o e-mail, que, no Facebook, pode ser realizado pelo encaminhamento de mensagem, dentre outras.

A resiliência é umas das características dos jovens pós-modernos para mostrar como os jovens das gerações y e z se expressam diante de determinadas situações. É uma das características principais desses jovens, se não gostam de algo, logo se posicionam.

O que acontece no Facebook é exatamente isso, vemos jovens se posicionando, dando suas opiniões através de comentários ou até mesmo compartilhamentos.

Outro meio de se expressar é de através do “silêncio”, quando o jovem nem ao menos “curte” uma postagem. A decisão pode remeter à falta de um interesse pelo assunto ou pela discordância em relação ao mesmo.

O Facebook é uma rede social que funciona como um suporte de textos, diferente de muitos outros suportes, uma vez que permite o que mais atrai indivíduos na pós-modernidade: a possibilidade a participação e da interação.

O usuário ainda pode interpelar o texto, definindo se deseja participar de maneira mais distanciada e rápida, por meio da opção “curtir”; de maneira mais efetiva, publicando “comentários” e expondo seu ponto de vista para e qualquer leitor da rede; de maneira mais expressiva, optando por alardear a informação, fazendo um “compartilhamento”.

Enfim, o Facebook pode ser observado a partir de uma característica básica que é o interesse que os leitores manifestam por notícias de vida de outrem, que pode ser qualquer outro praticante de rede. A busca não é visualizada pelo outro e, nesse sentido, é possível uma busca investigativa por pessoas e fatos, de forma discreta e oculta.

Por isso, os usuários se primam por fatos e imagens que os representam, definindo um “perfil” de beleza, felicidade e sucesso. O perfil ideal que cada indivíduo gostaria de ter e de ser vistos pelos outros.

Enfim, em 2014, o que podem esperar os estudantes da educação básica destes pesquisadores e futuros docentes de língua materna?

Discussões sobre a diferença entre informação e conhecimento, entre dispersão e concentração, entre textos e não textos. Ainda temáticas que abordem a solidão e a timidez que permeia muitos usuários da rede, que, ao estarem com uma coletividade mundial, também estão sozinhos. E, ao mesmo tempo, deixam de lado, as múltiplas possibilidades de introspecção e amadurecimento, a capacidade de refletir, pensar, analisar o próprio eu. Que os estudantes reflitam que podem estar na sociedade e também dentro de si mesmos. Que o bom e velho livro, reunido entre capa e contracapa dê mais sentido às nossas reflexões.

Referências

BAGNO, Marcos. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CALLIARI Marcos, MOTTA Alfredo. *Código Y: decifrando a geração que está mudando o país*. São Paulo: Évora, 2012.

GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2005.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

JOUBE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Unesp, 2002.



KATO, Mary Aizawa. *No mundo da escrita*. São Paulo: Ática, 2003.

_____. (Org.) *A concepção da escrita pela criança*. Campinas: Pontes, 2002.

KLEIMAN, Ângela. *Leitura e pesquisa*. Campinas: Pontes, 2004.

_____. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

_____. *Texto e leitor*. Campinas: Pontes, 2000.

KRUPPA, Sonia M. Portella. *Sociologia da educação*. São Paulo: Cortez, 1994.

MORAIS, José. *A arte de ler*. São Paulo: Unesp, 1994.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Educação e letramento*. São Paulo: Unesp, 2004.

MARCUSHI, Luiz Antônio. XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?* São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos; 74).

ROJO, Roxane. Helena R. Moura, Eduardo (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

VIGNERON, Jacques; OLIVEIRA, de Barros Vera. *Sala de aula e tecnologias*. São Bernardo do Campo: UESP, 2005.

CERIACO, Douglas. *O que é geração Z?* Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/curiosidade/2391-o-que-e-a-geracao-z-.htm>> Acesso em 11 de maio de 2013.

DIGITAL, Convergência – carreira. *Geração Z no Brasil: superdependente da tecnologia*. Disponível em: <<http://convergenciadigital.uol.com.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=33074&sid=46>> Acesso em 11 de maio de 2013.

FACEBOOK. *Os impactos positivos e negativos no Facebook na sociedade*. Disponível em: <https://www.facebook.com/note.php?note_id=248414788514149> Acesso em 10 de set. de 2013.

LOIOLA, Rita. *Geração Y*. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG87165-7943-219,00-GERACAO+Y.html>> Acesso em 11 de maio de 2013.

MANTOVANI, André. *Dossiê universo jovem 4*. Disponível em: <<http://www.njovem.com.br/downloads/Dossie.pdf>> Acesso em 15 de Jun. de 2013.



MOTTA, Aldo B.; WELLER, Wivian. *A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v25n2/02.pdf>> Acesso em 11 de maio de 2013.

NEVES, Flávia S. C.; LEMOS, Ana Heloísa de C.; VIANA, Mila D. de A. *Novas gerações no mercado de trabalho: expectativas renovadas ou antigos ideais*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1679-39512012000100011&script=sci_arttext> Acesso em 11 de maio de 2013.

VELOSO, Elza Fátima Rosa. *É possível negar a existência da geração y no Brasil?* Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-92302012000400011&script=sci_arttext> Acesso em 11 de maio de 2013.